

A ABORDAGEM NEUROLINGÜÍSTICA O FRANCES EM MENTE

TEORIA NEUROLINGÜÍSTICA DO BILINGUISMO

Teoria elaborada por Michel Paradis (2004), a partir de uma síntese de dados empíricos das neurociências sobre pessoas bilingües que sofrem de um tipo de afasia (desordem da fala que afeta a morfossintaxe ou a capacidade de elaborar frases corretas), ou de alzheimer, afetando sobretudo os conhecimentos lexicais.

PARADOXO GRAMATICAL

Algumas pessoas conhecem bem as regras de gramática de uma língua estrangeira, mas são incapazes de falar, enquanto outras a falam com facilidade e ignoram completamente as suas regras. Temos aqui um paradoxo gramatical, do qual nenhuma teoria atual de aquisição das línguas pode dar conta, exceto a teoria neurolinguística do bilinguismo de Paradis (2004), segundo a qual não haveria uma relação direta entre a memória declarativa (o saber) e a memória processual (a habilidade).



DOSSIÊ COORDENADO POR CLAUDE GERMAIN E OLIVIER MASSÉ

ANL é um novo paradigma, isto é, uma nova maneira de conceber as relações entre a apropriação (aquisição não consciente ou aprendizagem consciente) e o ensino de uma língua segunda ou estrangeira (L2/LE), que pretende estabelecer em sala de aula as melhores condições para uma comunicação espontânea e uma interação social bem sucedida. Segundo os criadores canadenses da ANL (Claude Germain e Joan Netten), as estratégias de ensino promovidas resultam das pesquisas em neurociências, e mais precisamente da teoria neurolinguística do bilinguismo de Michel Paradis (2004), segundo a qual não haveria uma conexão direta entre a memória declarativa, a dos saberes (regras gramaticais, conjugação), e a memória processual, a da habilidade em se comunicar (fonética, morfossintaxe). Enquanto a memória processual é considerada como um processo, a memória declarativa é considerada mais como um produto. A consequência disso, para o professor formado na ANL, é que ele não irá focar tanto a sua atenção nos conteúdos linguísticos a serem transmitidos durante a aula, mas sim na apropriação desses conteúdos que acontece na mente dos alunos. Os processos de memorização considerados levam assim de uma passagem do foco no ensino para o foco na aprendizagem. ■

C. G. e O. M.

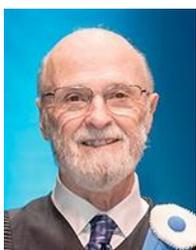
AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM

Aquisição faz referência a mecanismos psicológicos não conscientes enquanto a aprendizagem se refere mais aos mecanismos conscientes de apropriação de uma L2/LE. Com a ANL, ao contrário das afirmações de Stephen Krashen (1981), é possível tanto ensinar uma L2/LE quanto adquirir uma língua no ambiente escolar.

LITERACIA

A ANL tem como objetivo o desenvolvimento da literacia, que é entendida como "a capacidade de usar a linguagem e as imagens, de maneira rica e diversificada, para ler, escrever, ouvir, falar, ver, representar e pensar de forma crítica. Ela permite trocar informações, interagir com os outros e produzir sentido" (Governo do Ontário, 2004). Nesse sentido, a literacia é concebida sobretudo como uma habilidade ("a capacidade de usar...") antes de ser entendida como um saber

«SE NÃO QUISEREM ENSINAR DE MANEIRA DIFERENTE, A ANL NÃO FOI FEITA PARA VOCÊS»



Vinte anos depois das suas primeiras experimentações na província canadense de Terre-Neuve-et-Labrador, a metodologia do ensino do FLE/FLS (francês língua estrangeira/francês língua segunda) criada por Claude Germain e Joan Netten se expandiu e é hoje aperfeiçoada no livro *A Abordagem neurolinguística. Perguntas Frequentes*. Damos à palavra ao autor.

ENTREVISTA REALIZADA POR OLIVIER MASSE

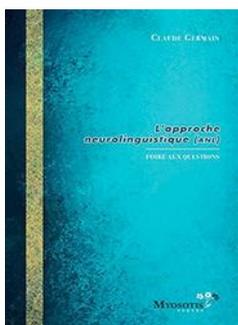
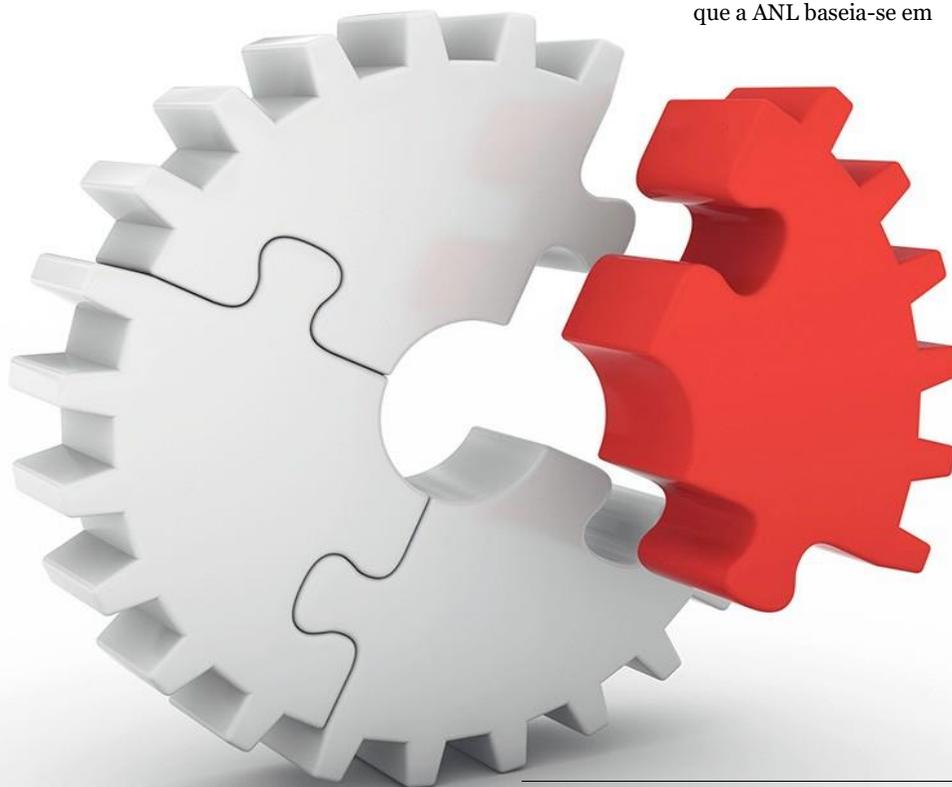
A abordagem neurolinguística existe há quase uma geração e, no entanto, não é quase nunca mencionada nos cursos de FLE/FLS, a não ser como "metodologia não convencional". Será que as suas recomendações são assim tão originais?

Claude Germain : Claude Germain: De uma certa forma, sim, na medida em que a ANL baseia-se em

pesquisas empíricas. Até onde eu sei, é a única abordagem com base em resultados de pesquisas recentes realizadas pelas neurociências, sobretudo na teoria neurolinguística de Michel Paradis (2004). Esses trabalhos provaram que não há uma relação direta entre a memória declarativa (a dos fatos ou dos saberes explícitos na língua) e a memória processual (a da competência implícita ou da habilidade em se comunicar). É um fato que os professores de língua não deveriam ignorar mais, porque a maioria das dificuldades de aprendizagem durante as aulas é resultado dessa confusão, que é alimentada por quase todos os manuais de língua.

É por isso que na abordagem neurolinguística, recomendamos o desenvolvimento de duas gramáticas bem distintas : uma gramática implícita, não consciente (ou interna), pelo oral, e uma gramática explícita, consciente (ou externa), pela escrita.

Se a segunda, feita de regras, remete à uma concepção com qual os professores podem estar familiarizados, a primeira, constituída por regularidades no uso da língua, vem de conexões neuronais frequentes no cérebro e faz com que seja necessário para os professores ter estratégias de ensino bem específicas.



Claude Germain, *A Abordagem Neurolinguística (ANL). Perguntas frequentes.* Editora Myosotis.

Quais são as características específicas da ANL?

Um outro elemento original da ANL é o fato de que ela se baseia em uma concepção da pedagogia da literacia específica à língua segunda ou estrangeira.

Por literacia, designamos a capacidade de usar a língua.

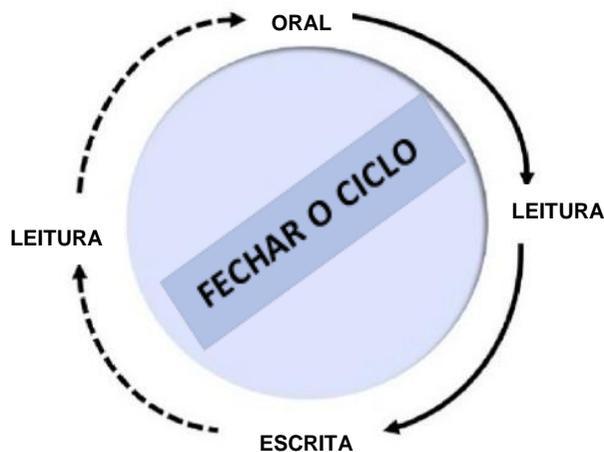
Trata-se então de uma habilidade e não de um saber. No entanto, como o saber não se transforma em habilidade (ensino das neurociências), nós definimos uma concepção da *neuroliteracia* segundo a qual o desenvolvimento das habilidades deve sempre preceder o ensino dos saberes. E como estamos no quadro das línguas segundas ou estrangeiras, tudo começa pelo oral para acabar no oral.

É o que chamamos de “o círculo da literacia” (cf. Ilustração). Enfim, outra particularidade é o nosso preceito de autenticidade da comunicação. Se quisermos que as pessoas falem, é necessário que falem deles mesmos. É por isso que todas as nossas lições se baseiam nos interesses e no desejo de comunicar dos alunos, atrás do qual ainda há implicações neurológicas. É uma ruptura pedagógica radical com o ensino elaborado a partir de atos de palavra, proposto em todos os manuais, que recorre a simulações ou role playing de personagens que não têm nada de autêntico. Em suma, para nós, ensinar é um meio de atingir um objetivo: a aprendizagem da língua. É esse fim que deve orientar o meio.

O senhor mencionou a teoria neurolinguística de Michel Paradis. Por quê aderir mais a essa teoria do que a outras?

É justamente porque a teoria de Paradis é a única que pode dar conta do que chamo o paradoxo gramatical, bem conhecido de todos os professores de idiomas: como explicar que alguns ter bons resultados em testes de idiomas

CÍRCULO/CICLO DALITERACIA SEGUNDO A ANL



que dependem de *saberes explícitos*) e, ao mesmo tempo, serem incapazes de se comunicar oralmente enquanto, por outro lado, há tantas pessoas que podem se comunicar em línguas estrangeiras, sem conhecer as regras? Essa teoria dá conta, além disso, do que chamei no meu livro *o paradoxo cultural*.

Se levarmos em conta as redes sociais, a ANL parece despertar muito interesse nesses últimos tempos. A sua abordagem tem porém quase vinte anos hoje em dia. Como explicar esse interesse repentino?

Durante muito tempo, essa abordagem só era conhecida no Canadá. No outono de 2009, depois de uma conferência na Universidade Normal do Sul da China, ela foi adotada e começou a ser conhecida fora da América do norte. Contudo, mesmo se os professores têm se mostrado muito interessados, um grande obstáculo administrativo e material se apresenta sistematicamente para a implantação da ANL: essa abordagem leva a renunciar ao material pedagógico então usado, porque os fundamentos teóricos não são compatíveis. Um segundo obstáculo vem do fato de que o modelo de avaliação mais usado

é o DELF (Diploma Elemental de Língua Francesa). Porém, até agora, não preparamos os alunos para o exame do DELF, porque não ele não existia no momento em que concebemos a ANL, em 1997 e em que a testamos a partir de 1998. E na China, também não precisávamos dessa abordagem, porque o DELF não é usado lá. Nesses últimos anos, no entanto, ficou evidente que a falta de preparação para esse tipo de exame se tornou um obstáculo maior à sua expansão. É por isso que decidi recentemente acompanhar a preparação de um manual que talvez permita atender essa demanda.⁽¹⁾

Quais recomendações daria aos professores que querem aplicara a ANL ? Podemos adaptá-la facilmente a qualquer tipo de aula de FLE?

Se não estiverem prontos a aceitar que é possível ensinar de forma diferente, a ANL não foi feita para vocês. Mas se quiserem melhorar as suas habilidades de comunicação com os seus estudantes, então a ANL foi feita para vocês. Durante os estágios de formação em ANL, propomos um quadro metodológico rigoroso, baseado em anos de testes e análises. Além disso, acho que seria ambicioso pensar em adaptar a ANL a todos os tipos de aula. Mas aqueles que querem desenvolver habilidades para se comunicar e interagir ficarão satisfeitos com as nossas propostas.

◀ Os autores da ANL desenvolveram uma pedagogia da literacia específica à L2/LE:

1. Uma grande importância é dada ao oral, para reativar a gramática não consciente do aluno;
2. A leitura sempre começa por uma frase oral (pré-leitura : “contextualização”);
3. A escrita sempre começa por uma fase oral (pré-escrita : “contextualização” e
4. A ligação se faz na ordem seguinte: oral primeiro, depois leitura, em seguida escrita e para fechar o ciclo, a leitura pelos outros alunos de textos pessoais escritos por outros estudantes e as perguntas orais sobre os textos lidos.

O senhor formou vários formadores que, agora, estão bastante envolvidos na transmissão das suas estratégias de ensino. Como o senhor percebe a evolução da ANL?

Hoje, há professores, espalhados pelo mundo que modificaram radicalmente as suas práticas e ficam felizes com os resultados obtidos. Uma equipe na China, um grupo que surgiu no Japão graças a vocês, a América Latina que está se preparando para isso, o Irã também, sem esquecer a importante sinergia que se desenvolve entre a Europa e o Canadá com o nascimento do Centro internacional de pesquisa e de formação em abordagem neurolinguística (CiFRAN). O entusiasmo tende a crescer, e assim que essas dinâmicas estiverem bem implantadas, chegará o momento de organizar um colóquio onde será possível reunir todos os interessados.

1. Livro em preparação e em colaboração com Romain Jourdan-Ôtsuka et Gladys Benudiz, a ser publicado na Editora Myosotis Presse em 2019

A “FRANCIZAÇÃO” DOS IMIGRANTES NO CANADÁ

A ANL nasceu a partir de pesquisas canadenses que misturam a linguística, a didática e a epistemologia. Foi testada primeiro na província de New-Brunswick, onde os resultados foram mais do que satisfatórios. No Québec, a ANL é agora também usada pelos imigrantes com sucesso.

POR STEEVE MERCIER



 Steeve Mercier, Ph.D., é professor de linguística e de francês língua segunda na universidade Laval. Professor de francização dos imigrantes pelo ministério da Imigração, da Diversidade e da Inclusão do Québec, é também formador de professores em ANL.

No contexto atual do desenvolvimento da mobilidade mundial e das crises econômicas e ambientais que surgem, há cada vez mais movimentos migratórios que têm um forte impacto no ensino das línguas segundas (L2). Há agora uma necessidade de ensino de L2 que não é necessariamente ligado ao lazer e ao turismo e que corresponde realmente às necessidades das populações imigrantes. É particularmente o caso do Québec, que está enfrentando falta de mão

de obra em vários setores de atividade (industriais, comerciais, etc.) e que participa dos esforços de solidariedade internacional em relação às pessoas refugiadas e em situação de vulnerabilidade. Apesar da forte vontade política de acolhimento e integração dos imigrantes, dos apoios financeiros exemplares, e quadros de referência de nível de língua bem claros, constatamos que a “francização” no Québec é, na maioria das vezes, um fracasso: uma presença fraca dos imigrantes nas aulas de “francização”,

sendo que a grande maioria deles não atinge o nível de autonomia na língua, o que facilita a integração social, o acesso ao mercado de trabalho e o que permite entrar em uma universidade.

Eficácia que desperta entusiasmo

Como sou professor de “francização” dos imigrantes e também pesquisador e formador de professores de francês L2 na Universidade Laval, sempre me esforço para estabelecer pontes entre a pesquisa fundamental sobre o tratamento da memória e da língua e a didática das L2.



NEW-BRUNSWICK, PÁTRIA MÃE DO « FRANCÊS INTENSIVO »

POR DAVID MACFARLANE

David Macfarlane contribuiu muito para estabelecer os programas de francês intensivo e pós-intensivo no Departamento de Educação de New Brunswick. Hoje aposentado, continua com a função de consultor independente especializado na abordagem neurolinguística.

Como New Brunswick é a única província oficialmente bilíngue do Canadá (inglês e francês), a aquisição das competências (particularmente no oral) em língua segunda tem uma importância primordial.

Em 2002-2003, a província decidiu experimentar a ANL, então designada como "francês intensivo" e "pós intensivo". Os resultados foram convincentes e as aulas de francês de 30 a 45 minutos por dia que existiam foram suprimidas do 1º até o 10º ano, e o francês intensivo e pós-intensivo tornaram-se obrigatórios nos programas. Todos os alunos do 5º até o 10º ano que não estavam inscritos no programa de "imersão francesa" foram inscritos no nosso novo programa. Deve se notar que, nos 11º e 12º anos (último ano do ensino médio), os alunos têm a possibilidade de escolher se queriam continuar ou não os seus estudos em francês. Para garantir a qualidade pedagógica, a escola oferece todo ano estágios de formação e um acompanhamento (observações de aula e feedback). Desde a introdução da ANL, o número de alunos que continuam a aprender o francês nos 11º e 12º anos não pára de crescer a cada ano, o que é a prova de que o que se passa na aula motiva os alunos a quererem continuar a estudar o francês. Além disso, se comparamos esses resultados com os obtidos antes da introdução da ANL, as avaliações no 12º ano mostram que a competência oral melhorou muito. Assim, New Brunswick espera poder daqui a pouco atingir o seu objetivo : que 70% dos alunos, ao saírem do 12º ano, possam realmente se comunicar na sua língua segunda.

Logo quando descobri a abordagem neurolinguística (ANL), três anos atrás, a integrei nas aulas para os imigrantes : isso melhorou imediatamente os resultados na aprendizagem e aumentou a motivação dos alu-

nos. Esses resultados despertaram o nosso entusiasmo e chegaram até o Ministério da Imigração, da Diversidade e da Inclusão do Québec, suscitando um grande interesse da mídia. A ANL tem como objetivo uma comunicação oral espontânea,



transformando a sala de aula em um espaço de intercâmbio, abertura ao outro e convidando o aluno a sair da sala, o que é primordial para o sucesso da preparação dos imigrantes.

Eu iniciei então um processo sistemático de reflexão e de adaptação da ANL para esse contexto de imigrantes, trabalhando para a adoção da ANL dentro do quadro das políticas migratórias do Quebec

e realizando a formação de professores em ANL. Temos agora os meios científicos de oferecer para os professores cursos de L2 realmente eficazes, então a ANL vai nesse sentido. A demanda de outros professores pelo mundo, que enfrentam situações de formação de públicos imigrantes em contextos diferentes do Quebec, tendem a crescer, e eu espero poder ajudá-los. ■

LÉXICO

GRAMÁTICA INTERNA, NÃO CONSCIENTE (OU COMPETÊNCIA IMPLÍCITA) E GRAMÁTICA EXTERNA, CONSCIENTE (OU SABER EXPLÍCITO)

A ANL preconiza o desenvolvimento de duas gramáticas, decorrentes da teoria de Paradis: uma gramática não consciente (ou competência implícita), constituída por regularidades estatísticas frequentes, e uma gramática consciente (ou saber explícito), constituída por regras. São duas gramáticas de natureza diferente. É por isso que as estratégias de ensino dessas duas gramáticas são diferentes.

GRAMÁTICA (CONSCIENTE) CONTEXTUAL

Em virtude do PTA, na ANL o desenvolvimento da gramática consciente começa pela leitura de textos autênticos. Em uma das fases do ensino da leitura, recorremos então a um procedimento indutivo : trata-se primeiro de fazer observar um certo número de casos de um fenômeno gramatical específico à língua escrita, para depois formular a regra a colocar no caderno do estudante. É uma gramática em uso – uma gramática contextual – como é usada nos textos autênticos para a leitura.

PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA APROPRIADA (PTA)

As pesquisas em neurociências cognitivas mostram que o cérebro recolhe os dados com os seus contextos. É mais fácil recuperar esses dados no cérebro se o contexto no qual são usados é parecido com o contexto no qual foram aprendidos. (cf. Norman Segalowitz, Cognitive Bases of Second Language Fluency, 2010, Não traduzido).

SISTEMA LÍMBICO (DO CÉREBRO)

É o sistema límbico do cérebro que avalia a vontade de se comunicar. Na aprendizagem de uma língua segunda ou estrangeira focada nos saberes (a conjugação dos verbos e as regras de gramática) para ensinar a falar, quase não há reação emotiva associada ao prazer ou ao desejo de se comunicar: o sistema límbico não está ativado, há pouca ou nenhuma motivação. Ao contrário, quando se trata de uma mensagem real, autêntica, o sistema límbico está ativado, o que aumenta a motivação para comunicar.

Se a abordagem neurolinguística é sobretudo usada com um público de crianças e adolescentes no Canadá, ela interessa cada vez mais professores que vêm de todos os países. Fizemos um balanço desse método cuja presença que cresce em todos os continentes

POR CÉCILE JOSSELIN

AANL

À CONQUISTA DO MUNDO

Concebida no início para os alunos anglófonos das escolas canadenses, a abordagem neurolinguística, conhecida no Canadá com o nome de “francês intensivo”, ficou por muito tempo confinada ao continente norte-americano. Mas, desde 2010, a abordagem interessa cada vez mais países. O seu desenvolvimento internacional começou na China, onde as autoridades escolares da Universidade Normal do Sul da China (UNCS), em Cantão,

quiseram adotá-la em uma turma de estudantes de 18 a 21 anos. Dez unidades foram escolhidas entre quarenta concebidas para o público canadense e adaptadas a esse novo público. Quatro anos mais tarde, a UNCS foi acompanhada na sua iniciativa por uma escola de ensino médio que prepara dessa forma mais de cem alunos para irem estudar na França.

Do Oriente...

A partir daí, a experiência conquistou uma universidade taiwanense, depois o Japão, onde cerca de doze professores a utilizam agora. Entre os trinta primeiros professores formados em março de 2015, Peggy Heure, professora no Instituto Francês de Tóquio adotou-a com pessoas de todas as idades: estudantes, adultos e idosos puderam compartilhar as suas experiências. Hidenori Konishi, professor de francês língua estrangeira na Universidade de Mulheres de Kyoritsu, em Tóquio, seguiu também essa primeira sessão de formação, depois de ter começado a aplicar a ANL em 2012, sem nenhum apoio institucional. *“Ensino com a ANL quase de forma clandestina porque a instituição impõe um método muito tradicional de gramática-tradução e manuais que vão contra os princípios da ANL”* declarou.

Professor-pesquisador na universidade de estudos estrangeiros de Kyoto, Romain Jourdan-Ôtsuka revela como é difícil adaptar um método intensivo baseado em um volume semanal de 10-12 horas, à hora e meia da qual ele dispõe cada semana para ensinar o francês...

Para remediar essa dificuldade que enfrentam muitos dos seus colegas, desenvolve atualmente entre quatro e seis unidades para o nível A1, que adaptam o método de francês intensivo a uma carga horária mais fraca, o que permite uma preparação para o

O DELF. *“Elas estão sendo testadas”*, revelou. *“Esperamos terminá-las daqui ao final de 2018. Depois, seguiremos com o nível A2 e o B1”*. No Irã, Elham Mohammadi descobriu a ANL em 2016 lendo um artigo de Claude Germain. A abordagem a interessou tanto que decidiu usá-la como o tema de tese. Depois de realizar uma formação por Skype por um dos criadores da ANL, ela ensina desde 2017 adultos que querem imigrar para o Québec conforme essa abordagem. *“No Irã, estamos acostumados a anotar tudo o que o professor diz. Então, no início, os alunos ficaram meio frustrados por não poder fazê-lo sempre, mas essa decepção desapareceu depois de algumas aulas”* assegurou.

... até a Europa

Na sua volta ao mundo, a ANL ganhou depois a França onde agora é ensinada por cerca de doze instrutores, como em Rouen na escola French in Normandy e em Angers, onde Claude Germain recentemente formou estudantes de mestrado. *“Na universidade de Grenoble, uma*

« Ensino com a ANL quase de forma clandestina porque a instituição impõe um método muito tradicional” diz um professor japonês de língua francesa.

experimentação foi feita com imigrantes” explica Lyane Fleuriault, instrutora independente em Angers. Ela descobriu a ANL em 2015 e foi formada em julho de 2017. *“Participei da primeira sessão de formação oferecida na Europa. Éramos seis ou sete, de várias nacionalidades. Pessoalmente, proponho a ANL quando trabalho em empresas ou dando aulas particulares a um grupo de quinze estudantes e adultos. É uma grande experiência usá-la no contexto profissional. A ANL não foi prevista para isso no início. Mantenho um contato regular com Claude Germain para ter certeza de que respeito os princípios”*.

Na Bélgica, quatro professores usam-na em um centro de Bruxelas com um público de imigrantes, entre os quais há analfabetos. Mas é só um ponto de partida. Duas pessoas são formadas na Alemanha e na Suíça, às quais se acrescentam iniciativas individuais na Itália e no Montenegro – iniciativas que podemos achar fora da Europa, como na Coreia do Sul, no Equador e no México. No total, são uns sessenta professores que já adotaram a ANL no mundo. Se acrescentarmos os 540 professores que praticam o método no Canadá e os novos interessados no Brasil, na Colômbia, em Marrocos e no Vietnã, parece que a ANL tem um futuro bem concreto a nível internacional. Um efeito cumulativo que Claude Germain resume desta forma: *“Começa por uma pessoa que quer experimentar a ANL, a iniciativa desperta bastante o interesse dos colegas, pedem um curso, falam disso aos diretores e é desse jeito que se espalha pela base”*.



Conférences de Steve Mercier de l'Université Laval : Sociophonétique du français / Approche Neurolinguistique.

Conferência de Steeve Mercier da Universidade Laval sobre a sociofonética do francês e a abordagem neurolinguística. Aliança Francesa de São Paulo, 2019.

Professor de francês, especialista em “engenharia da formação” e instrutor de professores em ANL, Olivier Massé considera que há um antes e um depois da abordagem neurolinguística. Depoimento de um convencido que só procura convencer.

POR OLIVIER MASSÉ

« A REVELAÇÃO ANL »



Olivier Massé é conselheiro pedagógico, périto e formador de professores em ANL. É um dos autores do método *Interactions* (CLE International).

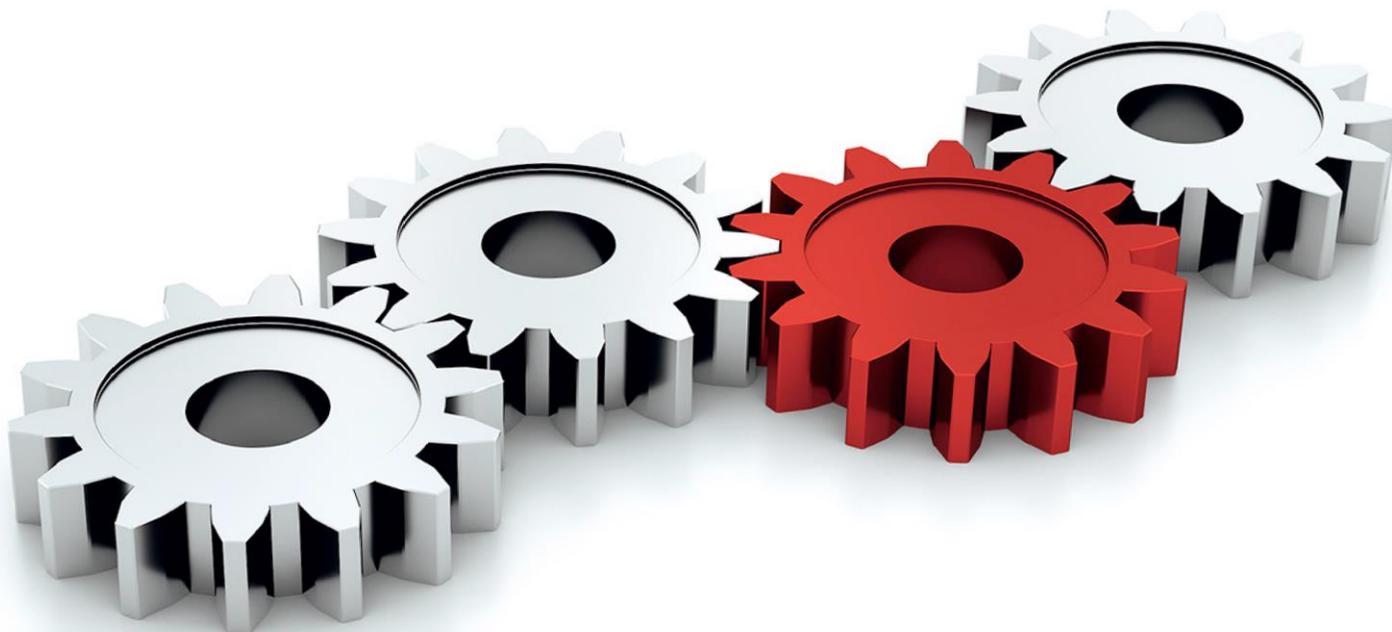
Descobri a ANL indiretamente, graças a um amigo que tinha assistido a uma apresentação de Claude Germain e Joan Netten em 2008. Naquela época, com alguns colegas muito dedicados, estávamos enfrentando dificuldades com a questão do ensino da gramática. Ao mesmo tempo, morava no Japão e dava-me conta das dificuldades dos franceses que passaram 4 ou 5 anos estudando o japonês na universidade e, ainda assim, eram incapazes de serem entendidos quando faziam compras numa loja, enquanto muitas pessoas que tinham aprendido a língua “na prática” se comunicavam com facilidade.

Esse amigo disse-me : “*O que queremos desenvolver, os canadenses já elaboraram muitos anos atrás!*” além de me explicar a distinção entre as duas gramáticas, interna e externa, baseada na distinção das duas memórias, declarativa e processual, e a necessidade de se basear na exploração pedagógica das interações para desenvolver o domínio do oral. Foi uma revelação! Fui por muito tempo educador físico e distinguir saberes e habilidades era evidente para mim : compreendi imediatamente que, com essa abordagem, teríamos finalmente respostas às dificuldades enfrentadas no nosso trabalho. Hoje em dia, vou formando professores vindos dos cinco continentes e todos seguimos o mesmo caminho que nos levou à ANL : constatação de um problema fundamental nos métodos usuais, nos quais o aluno de referência é sempre “o bom aluno” que entende, e que os outros devem tomar como exemplo. Nas Alianças Francesas e Institutos Franceses, isso provoca uma taxa de evasão enorme entre as pessoas que no começo tinham realmente vontade de aprender o francês. Nas escolas de ensino médio, a falta de motivação é idêntica. Mas quando entram em uma aula baseada na ANL, é outra coisa, há um entusiasmo geral! Uma professora do Equador que fez o nosso curso me escreveu recentemente e disse : “*Vou te confessar que deixo de lado o manual cada vez mais. Acho que há um antes e um depois do curso ANL*”. Eu não poderia explicar de forma melhor.

Neurolinguística e francês intensivo

O termo “neurolinguística” pode assustar um pouco. Não se trata de maneira nenhuma de manipular a psique! Pedi a Claude Germain, por quê, com Joan Netten, decidiram escolher um nome tão técnico, e ele me confessou a dificuldade que tiveram para encontrar um nome. Entre 1997 e 2011, antes das primeiras experimentações na China, os professores canadenses falavam de francês intensivo, termo sempre muito usado na América do norte, porque o dispositivo aplicado corresponde a uma intensificação do número de horas nos primeiros meses de ensino do francês para jovens anglófonos. Quando a abordagem começou a surgir na China, o ensino se tornou extensivo, foi então necessário dar-lhe um novo nome. Para mim, o esclarecimento neurolinguístico muda tudo no meio das práticas durante as aulas, mas é preciso se manter humilde: não é uma varinha mágica com a qual podemos oferecer a possibilidade de aprender uma língua sem esforço. Há uma tendência em apresentar as neurociências e a neuro-educação como a panacéia a todas as limitações dos professores. Se a fórmula “abordagem neurolinguística”





pode afastar alguns, constatamos rapidamente durante os primeiros cursos de ANL que ela tinha um forte poder de atração junto a colegas pouco conheciam sobre aquilo que garante a cientificidade de um método. Por isso, acrescentamos uma parte pré-informativa sobre os neuro-mitos aos nossos cursos. A ANL só utiliza alguns conceitos das

neurociências que vêm de observações empíricas dos pesquisadores, das quais extraiu princípios pedagógicos. Ela nos leva a a testar e avaliar sistematicamente os resultados obtidos.

Foco na aprendizagem

O professor formado na ANL não focaliza mais a atenção nos conteúdos linguísticos que tem ensinar em sala de aula do que na apropriação desses conteúdos pelos alunos durante a aula. Quando levamos em consideração os processos memoriais, há uma passagem do foco no ensino para o foco na aprendizagem. Uma palavra chave da ANL é a modelização.

Ela reduz os questionamentos de ordem metalinguística que o aluno faz frequentemente nas aulas em que ainda se acredita que os saberes irão se transformar em habilidades. A correção sistemática dos erros é a chave do contrato pedagógico das nossas aulas. Logo nas primeiras horas, leva à minimização completa desses erros e os retornos de experiência dos professores são unânimes: o clima da aula é mais descontraído e ninguém é deixado de fora (as interações sistemáticas fazem com que se solicitem entre si e que se ajudem). A aprendizagem de saberes explícitos não é excluída da aula porque são necessários ao domínio da ortografia e dos gêneros textuais, mas a apropriação da língua alvo é maximizada graças às condições de aquisição explícitas que as nossas estratégias trazem.

As estratégias sistemáticas da ANL permitem sair do eclectismo pedagógico que se observa na maioria dos centros de língua. Quando os professores devem trabalhar em equipe ou devem ter aulas em comum, quantas horas são necessárias se cada um ensina “do seu jeito”? O quadro teórico e os conceitos pedagógicos da ANL tornam mais fáceis a coordenação porque podemos distinguir sem casuística práticas de aula boas e ruins. Por exemplo, quando um professor distribui uma lista de vocabulário ou um texto para a leitura antes dele próprio o ter lido, essas são práticas em contradição com os nossos conceitos ; depois de um feedback, o professor que os aprendeu se torna capaz de analisar a pertinência das escolhas pedagógicas. Finalmente, na aula, o professor ANL fala 20% do tempo, durante as modelizações e pelo resto, a sua função é essencialmente de corrigir e estimular a escuta e a ajuda. Temos também bem menos trabalho fora da aula, os alunos não precisam pensar muito mais na língua e nenhum deles é abandonado. As medidas tomadas no Canadá e na China mostraram que, apesar do número de horas de ensino reduzido, obtem-se melhores resultados nos testes de comunicação. Por todas essas razões, podemos dizer que a ANL permite um aumento do rendimento pedagógico nas aulas de língua.

A ANL PARA FRANCÓFONOS NÃO NATIVOS

POR HIDENORI KONISHI

Hidenori Konishi é professor na Universidade de Mulheres de Kyoritsu, no Japão.

Depois de várias pesquisas feitas até agora nas aulas em que se usa a ANL, um professor não nativo com estratégias apropriadas obtém melhores resultados do que um professor nativo que recorre a estratégias tradicionais.

Por um lado, as estruturas de uma língua não se aprendem imitando meramente a língua do professor como o pensavam os behavioristas e por outro, os alunos são expostos a outras estruturas linguísticas que as do professor quando leem textos autênticos. Foi o que aconteceu em francês intensivo no Canadá, em que a maioria dos professores são anglófonos. Segundo a ANL, quer seja o professor nativo ou não, ela não deve somente usar frases modelos, mas sobretudo animar as interações da turma, o que contribui principalmente para o desenvolvimento da língua dos alunos. Sei, pela minha experiência que isso é possível para professores não nativos, se aceitarem modificar sua própria imagem. Porque na ANL, o professor não é visto como um transmissor de saberes, mas um animador envolvido na comunicação autêntica com os estudantes e entre os estudantes. E posso assegurar-lhes que vale a pena, visto os progressos rápidos e constantes dos alunos e do professor, num clima agradável, feliz e muito motivador para todos!

ORIGINALIDADE DA ABORDAGEM NEUROLINGÜÍSTICA

POR JOAN NETTEN

13 DE ABRIL DE 2020

A ANL é um novo paradigma, ou seja, uma nova concepção de como uma segunda língua é aprendida, que indica os tipos de recursos e estratégias de ensino que precisam ser desenvolvidos para uma apropriação bem-sucedida da língua. A ANL foi concebida por meu colega Claude Germain e por mim para dar aos alunos a oportunidade de desenvolver melhores habilidades de comunicação do que aquelas que são capazes de desenvolver com a abordagem tradicional ou sua adaptação, a abordagem comunicativa. As mudanças no programa regular incluíram um aumento no tempo dado à instrução em francês, mas mais significativamente, a adoção de uma pedagogia baseada no desenvolvimento de habilidades de literacia em francês, em vez da ênfase na gramática geralmente usada nas abordagens comunicativas tradicionais e nas suas adaptações. Essa mudança foi iniciada comparando as aulas regulares com as de imersão em francês, onde já se utilizava uma pedagogia baseada no desenvolvimento da literacia em francês. Os alunos do programa de imersão desenvolveram habilidades de comunicação superiores às do programa regular, principalmente em relação à fluência. Ao buscar as razões para esses resultados, encontramos as respostas nas pesquisas realizadas por vários neurolinguistas, particularmente as de Michel Paradis e N. Ellis.

Esses linguistas nos ensinaram que a capacidade de se comunicar em um segundo idioma era o desenvolvimento de um hábito, mais do que o conhecimento, e dependia da criação no cérebro do aluno de uma gramática interna através do uso do idioma em situações autênticas de comunicação. Essa gramática interna não é composta de regras: é composta de conexões neuronais entre os componentes de uma frase através do uso frequente das palavras e estruturas necessárias para expressar uma idéia, um pensamento, um ponto de vista. Além disso, seu desenvolvimento é inconsciente. O professor não pode "ensinar" gramática interna; ele deve criar as condições em sua sala de aula para que os alunos a desenvolvam. Com essa nova concepção de como as habilidades de comunicação são desenvolvidas, meu colega e eu percebemos que, para que os alunos desenvolvessem a capacidade de se comunicar espontaneamente em um segundo idioma, estratégias de ensino e recursos curriculares muito diferentes tinham que ser usado na sala de aula de francês. As novas estratégias pedagógicas que desenvolvemos estão resumidas nos cinco princípios básicos da Abordagem Neurolinguística, com base no que os neurologistas nos disseram sobre como é desenvolvida uma gramática interna.

Eles exigem o uso de uma abordagem baseada na literacia para o aprendizado de uma segunda língua, na qual todo o novo material é introduzido na sequência: produção oral, leitura, escrita e essa sequência linguística segue o círculo da literacia; o material é introduzido nesta ordem e, em seguida, integrado ao repertório linguístico do aluno em ordem inversa, usando a palavra escrita dos alunos como base para outras atividades de leitura e fala. Além disso, o objetivo de todas as atividades deve ser o de transmitir uma mensagem; a ênfase está no conteúdo e não na forma. O conteúdo deve ser significativo para o aluno, ou seja, ele deve estar envolvido cognitivamente na conversa, além de ser, em um nível pessoal, autêntico, ou seja, o aluno diz o que quer dizer. Para conseguir isso, ele deve estar envolvido em atividades interativas na sala de aula durante a maior parte do tempo. O uso de estratégias interativas de ensino é essencial. O papel do professor passa a ser o de facilitador, e não de transmissor de conhecimento. A fim de incentivar a criação dessas condições na sala de aula, eu e meu colega, com a assistência dos professores nas salas de aula, desenvolvemos uma série de estratégias de ensino para o desenvolvimento das habilidades orais, de leitura e escrita. As estratégias também incluem aquelas para o desenvolvimento de precisão e fluência, que de-

vem começar com a produção oral. Embora essas estratégias pareçam fáceis de entender, eles são difíceis para aqueles de nós que ensinam o conhecimento formal da gramática na sala de aula de línguas. É essencial que eles sejam usados corretamente para alcançar os objetivos do programa. Portanto, são necessárias sessões de treinamento para quem deseja adotar a abordagem. A formação de professores na abordagem neurolinguística e o desenvolvimento de materiais e guias curriculares adequados são agora o foco mais importante para o crescimento do uso da abordagem. Até o momento, a formação de professores no Canadá tem sido de responsabilidade dos distritos escolares que utilizam o programa, e os guias para uso nas escolas foram produzidos por grupos de professores sob nossa direção. No entanto, agora a formação de professores e o desenvolvimento de guias e outros recursos apropriados tornaram-se mais difundidos. Vários consultores independentes assumiram essas responsabilidades. O CIFRAN é um desses grupos e está desenvolvendo sua experiência para responder às necessidades de uma ampla variedade de professores interessados em todo o mundo que estão usando a abordagem para melhorar as habilidades de comunicação de adultos, imigrantes e outros alunos.

***Artigo não incluído no dossiê original de 2018.**